

**TÁTICAS DISCURSIVAS DOS PATAXÓS DA BAHIA:
DENÚNCIAS E RESISTÊNCIAS EM REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Helânia Thomazine Porto (UNEB)

hthomazine@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, analisamos as lógicas discursivas que estruturam os posicionamentos políticos e de resistência dos pataxós em suas enunciações em redes sociais digitais. Elegemos como questão norteadora: *Como são articuladas as ações políticas dos pataxós em suas enunciações em redes sociais digitais?*, pois objetivamos tratar das construções enunciativas dos pataxós da Bahia, a partir de suas formas singulares de abordar questões políticas e territoriais, dinamizadas pela sua inclusão nas mídias sociais. Na realização, desta investigação combinamos procedimentos da análise de conteúdo, na perspectiva linguística, histórica e cultural de Bakhtin (2006; 2010) e de Castells (2002; 2013; 2015), e da etnografia virtual, de Hine (2011). As análises ofereceram informações acerca de como esses sujeitos se constituem como comunicantes no contexto digital, ao tempo que empreendem processos políticos de auto-organização e de criação de condições de transformação social.

Palavras-chave:

Enunciações. Povo pataxó. Redes sociais digitais.

ABSTRACT

In this article we analyze the discursive logics that structure the political positions and resistance of the Pataxós in their enunciations in digital social networks. We chose as a guiding question: *How are the political actions of the Pataxós articulated in their enunciations on digital social networks?* For, we aim to address the enunciative constructions of the Pataxós da Bahia, based on their unique ways of approaching their political and territorial issues, driven by their inclusion in social media. To carry out this investigation, we combined content analysis procedures, in the historical and cultural perspective of Bakhtin (2006; 2010) and Castells (2002; 2013; 2015), and of virtual ethnography, by Hine (2011). The analyzes offered information about how these subjects constitute themselves as communicators in the digital context, while undertaking political processes of self-organization and the creation of conditions for social transformation.

Keywords:

Enunciations. Pataxó people. Digital social networks.

1. Pataxós e conectividade

Neste artigo analisamos as lógicas discursivas que estruturam os posicionamentos políticos e de resistência dos pataxós em suas enunciações em redes sociais digitais. Para a realização desta investigação com-

binamos procedimentos da análise de conteúdo, na perspectiva histórica e cultural de Bakhtin (2006; 2010) e de Castells (2002; 2013; 2015), e da etnografia virtual, de Hine (2011). Elegemos como questão norteadora: *Como são articuladas as ações políticas dos pataxós em suas enunciações em redes sociais digitais?*, pois objetivamos tratar das construções enunciativas dos pataxós da Bahia, a partir de suas formas singulares de abordar questões políticas e territoriais, dinamizadas pela sua inclusão nas mídias sociais.

A população indígena estimada no estado da Bahia é de 35.476 pessoas, constituindo 14 povos. No sul e extremo sul baiano vivem aproximadamente 14 mil pataxós, instalados em mais de 40 aldeamentos, distribuídos em seis terras indígenas no entorno dos municípios de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Itamaraju e Prado.

O povo pataxó, classificado como *meridionais*, vivia entre os rios São Mateus (ES) e Santa Cruz Cabrália (BA), distinguindo-se dos *pataxós hã-hã-hãe*, que ocupavam a região entre os rios de Contas e Pardo, mais ao norte da Bahia. Esse povo é pertencente ao tronco linguístico macro-jê, registrado por pesquisadores estrangeiros desde o século XVI como pertencente ao grupo dos *aimorés* (considerados bárbaros ou selvagens).

A realidade dos pataxós da Bahia é bastante dinâmica e diversa. Com o avanço dos processos de globalização e de midiaticização da sociedade, a organização social tem se configurado de forma complexa, o que exige pensarmos seus projetos políticos a partir de múltiplas relações sociais e comunicacionais “entranhadas” na constituição de uma discursividade intercultural e multimodal.

Entender as táticas de resistência angulada, a partir da discursividade dos pataxós no tempo presente, é situá-las no contexto da economia globalizada, conseqüentemente dos avanços das políticas econômicas neoliberais sobre os seus territórios e direitos. Assim, pensar na possibilidade de eficácia de enunciações reivindicatórias realizadas pelos pataxós no *Facebook* é também refletir sobre os limites desse dispositivo para as suas mobilizações; portanto, estabeleceremos dialéticas com outras formas comunicativas, como de suas mobilizações e de expressões em espaços públicos.

É coerente lembrarmos que as organizações sociais em redes como forma de participação política em diversos espaços vêm ocorrendo há muito tempo no contexto dos pataxós da Bahia, sendo mais expressivas,

na atualidade, nas redes digitais. A escolha dessa modalidade talvez seja explicada pela capacidade que oferece quanto à descentralização de informações e de ampliação do campo de integração de seus participantes.

Desse modo, interessa-nos entender o que vem mudando nas formas como os pataxós se conectam, se organizam e elaboram seus discursos em redes sociais digitais. Essas interlocuções pensadas como mais uma das configurações de suas redes *multidimensionais*, que, na perspectiva de Porto (2019), são constituídas por sujeitos comunicantes, políticos, étnicos, culturais, nas quais ocorrem produções individual e coletiva de discursos, de mobilizações e de atuações políticas em diferentes espacialidades geográficas, com ou sem o auxílio de mídias digitais.

Apesar de Bakhtin (2006; 2010) não ter pensado o *dialogismo* no ambiente digital, mas no impresso, consideramos que a *filosofia e a estética da linguagem* apresentadas por ele nos auxiliam no entendimento das práticas linguísticas dos sujeitos em redes sociais, nas quais as interatividades vêm sendo viabilizadas por diferentes linguagens, e por meio de uma imbricada junção de argumentações e de hipertextos, denominada pelo referido autor de *polifonia*.

Acolhemos a perspectiva de Bakhtin para as descrições e análises das ações comunicativas construídas pelos pataxós em suas redes sociais digitais na plataforma do *Facebook*, apreendendo o conceito de discurso como enunciações, formatadas por textos verbais e não verbais, e como práticas linguísticas que se associam às demais ações políticas do contexto presencial. Todas as palavras e formas de linguagem são “vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas” (BAKHTIN, 2006, p. 100).

O discurso, nessa perspectiva, passa a ser entendido como evento que é ao mesmo tempo subjetividade e objetividade, que se constrói na intertextualidade ou interdiscursividade. Produções e circulações de discursos em plataformas digitais oferecem, nesse sentido, possibilidade de leituras críticas das intuições, criações; subjetividades e racionalidades, materializadas em *multimodalidades* discursivas, como os hipertextos constituídos de códigos, ícones, grafismos, linguagens, sons, vídeos, textos em um mesmo espaço enunciativo (CASTELLS, 2013; 2015).

Se a língua se realiza pelas enunciações, estas, então, devem ser entendidas como um fenômeno social, e, mesmo que o usuário individual da língua a perceba como uma expressão singular ou como uma propriedade pessoal, ela é propriedade de uma coletividade (BAKHTIN, 2010).

Nesse contexto visualizamos os usos sociais das mídias pelos pataxós não por configurações e reproduções mecânicas de lógicas geradas por suas estruturas simbólicas, mas pela reconquista criativa dos espaços públicos.

Nessa dinâmica o destinatário entendido como um participante-interlocutor diverso e complexo, podendo ser seus próprios pares ou uma coletividade diferenciada de quem produz o texto, ou ainda um leitor totalmente indefinido, não concretizado (BAKHTIN, 2006). Logo, podemos pensar os pataxós em redes sociais digitais como sujeitos na/da comunicação, em que seus processos midiáticos não podem ser apreendidos como situações isoladas e desvinculadas de suas demandas sociais, especificamente quando os usos da internet e de telefonia móvel adquirirem, além do papel informacional e comunicacional, a função de articulação política (PORTO, 2019).

Ainda, conforme a *filosofia e a estética da linguagem bakhtiniana*, podemos situar os pataxós em comunicação como interagentes, inter e multiculturais, históricos, políticos, dialéticos, *polifônicos*, uma vez que não se pode ignorar que há outras lógicas comunicacionais construídas para além das redes sociais digitais das quais participam.

O teórico Castells (2002), em sua análise do poder no contexto da *Era da Informação*, traz como exemplo de agentes sociais mobilizadores de identidades culturais os zapatistas do México, que, com seus projetos autônomos, visam à transformação dos códigos culturais contrários às consequências excludentes da modernização presentes na economia global, construindo trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade.

A dialética com as teorias de Bakhtin e de Castells nos instiga a analisar os pataxós, em seus processos midiáticos, como sujeitos em movimento, especificamente na produção e difusão de produtos, sinalizando que a *esfera pública* pode gradativamente recuperar o seu terreno perdido em outras épocas, conforme defendeu Habermas (1993).

O conceito de esfera pública é abordado por Habermas e se configura como um espaço de formação da opinião e da vontade política; um espaço em que há tematização de variados assuntos, discussão crítica, deliberação e justificação pública. No seu entendimento, a princípio todos podem participar, desde que tenham capacidade de argumentação e crítica, pois o ideal de esfera pública está ligado à *filosofia do esclarecimento*, isto é, uma racionalidade comunicativa de caráter normativo pela autorregu-

lação da sociedade, dependente de condições institucionais avançadas para conferir legitimidade aos procedimentos do ordenamento político.

Na contemporaneidade a internet vai se constituindo, assim, como parte importante dessa lógica, quando opiniões pessoais representam o grupo político, sendo possível elas evoluírem para uma opinião constitutiva da esfera pública, a partir da circulação de demandas coletivas. Consideramos, no entanto, que nas redes sociais digitais podem ocorrer restrições, em função das “lógicas/protocolos” que regulam os funcionamentos de processos midiáticos, no caso do *Facebook*, abreviando autonomias dos sujeitos, desde critérios que definem a inserção do perfil na referida rede, do controle do que é apresentado em *timeline* até as formas de interação. O algoritmo *Edge Rank* do *Facebook* originalmente adotava três critérios: afinidade – quando há interação com o autor do *post*; engajamento – número de *likes*, comentários e compartilhamentos que o *post* teve; e tempo – notícias mais velhas são descartadas. E cada dia o sistema tem se tornando muito mais complexo, com mais de 100 mil variáveis ajustadas de acordo com cada usuário.

A interpretação das táticas discursivas dos pataxós foi pensada na perspectiva da *filosofia e estética da linguagem* e da *multimodalidade textual*, pois interessa-nos saber daqueles que fazem uso do Facebook de forma mais intensa, como utilizam as várias funções e meios técnicos disponibilizados pela plataforma para revelarem suas concepções de políticas sociais no âmbito da sociedade não indígena, visto que os meios podem ser parte do *tecido dos discursos e da ação política* (MARTÍN-BARBERO, 2004), especificamente nas articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais. Logo, empreendemos esforços para a visualização do formato de gênero discursivo presente nas enunciações dos pataxós em suas páginas do *Facebook*. E, na aproximação de seus processos comunicacionais em conectividades digitais, com acompanhamento dos vinte e dois perfis indígenas no *Facebook*, adotamos a *etnografia virtual*.

2. *Etnografia virtual: nos rastros dos pataxós conectados*

Consideramos para este estudo que a utilização de uma etnografia no ambiente digital nos revelaria as táticas de construção enunciativa dos pataxós em interface com suas pautas políticas e militantes. Dentre 36 perfis que constituíam a página *Aldeia Midiática*, arquitetada pela pesquisadora em 2016, selecionamos 22 perfis dos pataxós presentes na pla-

taforma do *Facebook*, levando em consideração o nível de participação de cada um na referida página. Assim, entre o período de junho de 2016 a agosto de 2018,²⁵ a partir do perfil da pesquisadora, selecionamos a função “ver primeiro”, que significa ver as publicações dos 22 pataxós no topo do seu *feed de notícias*.

A *etnografia virtual*, na perspectiva de Hine (2011), possibilita um olhar mais detalhado das maneiras pelas quais os sujeitos experimentam a tecnologia, assim sistematizamos roteiros que nos permitissem, de forma mais pontual, acompanhar as suas diversas publicações. Essa metodologia também oferece maior tempo de realização de observação e acompanhamento dos usos e das apropriações das mídias digitais, pois o elenco de atividades de cada perfil fica registrado na *timeline* do usuário e disponibilizado na plataforma do *Facebook*.

Nesse contexto digital, observamos como esses sujeitos faziam uso de vídeos, álbum de fotos, cartazes de eventos, como divulgavam suas produções. Assim, utilizamos a opção “salvar” disponibilizada aos usuários do *Facebook* para arquivamento das publicações. Com essa função, armazenamos os conteúdos compartilhados pelos pataxós, como *links*, vídeos, músicas, imagens, entre outros, com a possibilidade de serem consultados em momentos futuros. E, quando éramos informados das publicações dos sujeitos comunicantes em nosso *feed de notícias*, a depender dos conteúdos, clicávamos na seta da alternativa “salvar”, adicionando cada item a um dos perfis que constituíam as “Minhas Coleções”, conforme *menu* lateral esquerdo, em que consta “Itens Salvos”.

Figura 1: Lista de perfis pataxós salvos em “Minhas Coleções” no *Facebook*.



Fonte: Página de Helânia Porto no *Facebook* (2018).

Essa *etnografia* na plataforma do *Facebook* nos possibilitou per-

²⁵ Trata-se da pesquisa intitulada *Processos comunicacionais, identitários e cidadãos: Pataxós em “territórios” de resistências e de utopias*, realizada por Helânia Thomazine Porto, desenvolvida como tese de doutorado em Ciência da Comunicação, orientada pela Prof^a Dr^a Jiani Bonin.

ceber que as enunciações apresentadas pelos sujeitos antecipavam alguns dados, como a territorialidade ocupada, a idade, o grau de instrução acadêmica (concluída ou em formação), a função e/ou cargo que desempenha na aldeia, a quantidade de amigos e a intensidade de participação. A apresentação visual também foi outra questão observada, sendo notada a preferência por fotografias em que estão adornados. Observamos também que os sujeitos demonstravam habilidades na utilização da plataforma do *Facebook*. Cada perfil tinha em média dois mil contatos.

Quanto às profissões exercidas, havia um assistente social na secretaria de saúde indígena; dois empregados em empresas de turismo; oito professores vinculados às secretarias de educação, dois ao departamento de esporte e cinco como assessores de questões culturais e articulistas da política municipal; três artesãos e um fotógrafo. Desse total, sete eram mulheres e quinze homens. Dos quinze homens três atuavam como caciques em suas aldeias. Eram oriundos de aldeias localizadas nos municípios de Prado, Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro, com exceção de dois, que residem em outros estados, São Paulo e Rio de Janeiro.

Os primeiros acompanhamentos das publicações nas *timelines dos* 22 perfis, no período de junho de 2016 a novembro de 2016, possibilitaram estabelecer uma leitura quanti-qualitativa das temáticas que se repetiam. Computamos 99 postagens dentre as salvas em nossas coleções na nossa *timeline*.

O mapeamento dessas postagens permitiu-nos organizar uma classificação das temáticas. Assim, identificamos que havia um número expressivo de postagens sobre questões inerentes às *lutas pelo território indígena* a partir das quais os pataxós utilizavam-se da plataforma para falar de seus processos de retomada do território. São incluídas nessa categoria as ameaças de despejo, os atos de violência e atentados sofridos, respaldados em vídeos e em textos jornalísticos. A educação específica, diferenciada e multicultural pleiteada e realizada em suas comunidades, do nível fundamental ao médio, em diálogo com a socialização de eventos educacionais e culturais de outros estados, constitui a segunda categoria. Havia também publicações sobre as artes pataxós e seus projetos de sustentabilidade a partir de ações culturais das aldeias. Sobre as práticas esportivas e desportivas em nível local, regional e nacional, havia circulação de informações e convites de campeonatos. Ainda, um grupo de textos que tratavam da questão de assistência médica e odontológica nas aldeias, incluindo o alcoolismo como uma questão de saúde pública.

A classificação dessas temáticas nos possibilitou perceber como esses sujeitos fazem uso da plataforma. Dentre os pontos sinalizados dessas participações, consideramos importante destacar que os pataxós que apresentaram maior autonomia em suas produções, inclusive com criação de matérias e de outros formatos, fôramos que publicavam sobre educação indígena. Suas habilidades e competências linguísticas são percebidas na estruturação de seus textos, como a construção do gênero discursivo semelhante a boletins informativos, com variedade de produções (fotografias, vídeos, curtas, documentários) acerca de uma mesma temática. Analisamos que há uma preocupação estética na apresentação do conteúdo dessas mensagens, pois não basta só seduzir os demais usuários da plataforma do *Facebook*, há uma intencionalidade nessas criações. Subjetividades e racionalidades em *multimodalidades* discursivas sejam talvez a forma que esses sujeitos encontraram de ampliação do alcance dos conteúdos apresentados nas redes sociais digitais.

Não podemos ignorar que a referida plataforma se configura como um conjunto de ferramentas que possibilita que o *site* interaja com programas externos escritos por outros desenvolvedores, assim os usuários podem interagir com os amigos na rede social, com uma grande variedade de aplicativos, além dos criados pelo próprio *Facebook*. Nesse sentido, buscamos interpretar como as discursividades sociocomunicacionais digitais dos pataxós se alinhavam com suas lutas, demandas e participações políticas. Ou seja, entendermos como esses sujeitos constituem-se como comunicantes no contexto digital, ao tempo que empreendem processos políticos de auto-organização e de criação de condições de transformação social.

3. *Pataxós e suas táticas denunciativas e resistências políticas*

As mídias digitais se configuram em ambientes-chave dos processos de midiaticização, entretanto, decorrem de processos históricos a partir dos quais os cenários socioculturais vão sendo modificados pelo desenvolvimento tecnológico e pela constituição das culturas digitais. Nesse sentido, práticas comunicativas constituídas em ambientes digitais podem ser entendidas como uma dimensão coletiva estabelecida por vínculos sociais (VERÓN, 1994) que possibilitam a construção de sentidos, interações, acesso e produção de informações e conhecimento. E têm como principal característica a comunicação mediada por computador ou por dispositivos móveis, em que ferramentas como *Weblog*, *Fotoblog*, *Twitter*,

Facebook, etc., dinamizam as relações societárias em diferentes contextos. Essa dinamização corresponde a uma nova forma de atuar, interagir e perceber o mundo, “uma espécie de cultura planetária, atuando como uma matriz, em um vasto conjunto global, mas ainda em grande parte diversificado” (PEREIRA, 2013, p. 6).

Importante se faz mencionarmos que a temática indígena na internet já se fazia presente, em outra dimensão, em *sites* de organizações não governamentais indigenistas²⁶, como do Instituto Socioambiental, do Centro de Trabalho Indigenista, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), e em *sites* de instituições governamentais indígenas²⁷, da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Entretanto, o que se modifica na modernidade é o consumo de aparelhos celulares digitais pelos pataxós, por meio dos quais expressam seu protagonismo.

Assim, referimo-nos a *democracia participativa, conectividade contestatória, autonomia e ação coletiva mobilizada* quando pensamos nas enunciações de denúncias e de resistências que fundamentamos conteúdos e mensagens dos pataxós (CASTELLS, 2015). Isso porque a noção de midiaticização tem sido pensada a partir do entendimento do lugar de fala dos pataxós nas redes sociais digitais, compreendendo que este não se organiza de maneira homogênea, há formas distintas de operá-lo, segundo as particularidades dos sujeitos e em razão dos diferentes universos materiais, culturais e políticos em que se realiza. Nesse sentido, trazemos como exemplificação cinco enunciações de quatro pataxós, dentre os 22 perfis, atentando-nos para o potencial de articulação discursiva delas.

As enunciações presentes na maioria das publicações dos vinte e dois perfis pataxós envolvem a *questão do território, os projetos político-pedagógicos e as atividades culturais*, e não emergem como mera repetição, estão circunstanciadas, a partir de aspectos sócio-históricos. Por exemplo, na página de Dário Ferreira (2017), foi possível visualizarmos manifestações políticas de reivindicação do território indígena, como a mobilização de indígenas baianos em Brasília, em 1º de maio de 2016,

²⁶ Nos *sites* não governamentais: www.socioambiental.org, do Instituto Socioambiental; www.trabalhoindigenista.org.br, do Centro de Trabalho Indigenista; e <http://www.cimi.org.br>, do Conselho Indigenista Missionário.

²⁷ Nos *sites* governamentais: www.funai.gov.br, da Fundação Nacional do Índio, e www.funasa.gov.br, da Fundação Nacional de Saúde.

que, ao se juntarem com organizações não governamentais, *Acampamento Terra Livre* e demais movimentos, realizaram ações políticas em nível nacional em prol da recuperação do território tradicional, no grito “Fora Temer Golpista”.

Figura 2: Povo pataxó, pataxó hã-hã-hãe e tupinambá faz passeata.



Fonte: Informações divulgadas por Dario Neves Ferreira em sua página no *Facebook* (2016).

Sob o eixo dessa enunciação, a utilização das mídias digitais é colocada como face complementar às demais ações políticas de suas *redes sociais*, como no exemplo anterior relativo à participação dos pataxós em Brasília, constituída pela adesão de outras etnias (pataxó hã-hã-hãe e tupinambá) e de movimentos sociais, revelando que, junto à denúncia no contexto virtual, houve outras formas de mobilização que a antecederam. As articulações em fóruns presenciais ampliam-se quando são socializadas no ambiente digital. Essa dupla dimensão política articulada em contextos diversos e em multimodalidade de enunciações vem possibilitando pensar o discurso midiático dos pataxós no contexto da *modernidade*, pelo entendimento desses indígenas como sujeitos complexos que, em movimentos integradores não homogêneos, atravessam as fronteiras do espaço e do tempo e, em redes sociais digitais, atualizam informações sobre suas atuações políticas, bem como, enquanto corpos em deslocamento, ocupam outras esferas públicas. Desse modo, é possível pensarmos na natureza dessas práticas midiáticas como *modos associativos de processos sociocomunicativos em diferentes espaços geográficos*.

Assim, podemos inferir que as enunciações de Dário Ferreira (2016), em suas diversas modalidades, só fazem sentido se forem capazes de fomentar as condições de produção de um movimento identitário

coletivo e político, ainda que sob a atmosfera do tensionamento da falta de consenso da sociedade envolvente e do Estado sobre suas reivindicações. Portanto, pressupomos que os pataxós na mídia digital, conscientes da função política da comunicação e do uso das linguagens (escritas e imagéticas), são capazes de compartilhar projetos comuns com os demais, a fim de reorganizar suas manifestações em defesa de suas proposições políticas.

Nesse sentido, as enunciações no contexto digital passam a ser estruturadas com um formato direcionado ao outro, carregando dupla funcionalidade, um contorno em atendimento à ideologia pataxó orientada a alguém, pois os interesses e a validade de seus discursos encontram-se submetidos à apreciação dos demais, e, da utilização das redes sociais digitais como espaço de expressões multimídia, pretendendo adesão às suas reivindicações por parte daqueles que almejam uma sociedade igualitária.

A reivindicação do território tradicional indígena é o tema apresentado em diferentes ações comunicativas. Como situação permanente em suas vidas, as mensagens parecem ser a reedição de materiais do final do século XX, infelizmente, o que se tem de novo é o ambiente enunciativo em que circulam as denúncias de violências sofridas pelos pataxós e a negligência do Estado quanto aos processos de legalização de seus territórios, conforme as apresentadas por Tohõ Pataxó, em 2017: “Bombas de gás lacrimogênio [*sic*] e indígenas detidos na Câmara dos Deputados” e “Sobre as agressões sofridas ontem por policiais à indígenas no planalto [...]” (Figura 3). Nessas enunciações, a força da memória das violências do passado aumenta segundo a exposição desses sujeitos a situações semelhantes. Ler as reportagens e os comentários nas redes sociais reforça as lembranças, desencadeando novas associações. E os pataxós, a partir dessas memórias, buscam construir outras histórias. Entretanto, não o têm conseguido, conforme projetam suas utopias, pois são dependentes de condições objetivas da realidade política do presente. A sucessão de matérias acerca desse tema revela que essas violências têm sido duradouras, acreditando, assim, que com suas atuações políticas poderão alcançar algumas mudanças, apresentadas em suas enunciações como urgentes.

Figura 3: Bombas, gás lacrimogêneo e indígenas detidos.



Fonte: Informações publicadas na página de Tohõ Pataxó no *Facebook* (2017).

As enunciações de Tohõ (2017) que apresentam o tema da violência têm sido recorrentes nas redes sociais dos pataxós. Assim, as enunciações nesse ambiente digital têm possibilitado “revitalizar” a questão da desapropriação das terras indígenas pataxós, especificamente a que remonta ao século XIX, quando os pataxós do extremo sul perderam parte do território indígena de Porto Seguro e de Santa Cruz Cabralia. Mesmo que tenha havido publicações jornalísticas desse evento, na década de 1950, esse fato é desconhecido pela sociedade em geral. Para os pataxós, o ambiente da internet vem se apresentando como uma possibilidade de propagação dessas informações, de trocas sociais e de sensibilização da sociedade acerca de suas reivindicações.

Os princípios que norteiam essas enunciações incorporam formas de uma discursividade política e de resistência que, do nosso ponto de vista, parecem ser um dos aspectos centrais da proposta discursiva arquitetada pelos pataxós no *Facebook*. Assim, vemos constituir-se uma enunciação fundamentada em uma dialética aberta e horizontal, em que os referidos sujeitos, na aderência à referida plataforma, visam à transformação social e à equiparação de seus direitos. Sem deixarmos de considerar as limitações presentes em todas as formas de mediação, o *Facebook* tem possibilitado aos pataxós apresentarem, de um lugar da enunciação particularmente significativo, suas denúncias das agressões sofridas também em 2015, quando homens armados alvejaram o veículo em que estava o cacique de uma das aldeias de Cumuruxatiba, localizada no Parque Nacional do Descobrimento, município de Prado (BA). Assim, quando uma comissão de caciques pataxós foi a Brasília denunciar as perseguições

políticas e as agressões sofridas, a descrição e a confirmação dessa participação foi publicada por Anderson Ferreira em sua página do *Facebook*.

Figura 4: Cacique Anderson e demais lideranças em Brasília.



Fonte: Imagem publicada na página **Anderson Pataxó Ferreira** no *Facebook* (2016).

Os discursos (verbais e não verbais) nos remetem a uma questão que não é recente, a desapropriação de terras indígenas pataxós, que ainda não foram avaliadas, demandando diversas iniciativas coletivas desse povo. Assim, os pataxós apreendem a importância do uso das redes sociais digitais em favor da construção de um domínio contra-hegemônico, em que as apropriações da internet têm sido realizadas de forma mais crítica e política, em prol do fortalecimento de demais movimentos de luta e de resistência, sendo as redes sociais digitais talvez o lugar onde essas demandas possam ecoar, traduzindo o anseio de cada sujeito comunicante em estabelecer pactos de cidadania com os demais.

O movimento reivindicatório de retomada do território tradicional indígena onde foi sobreposto o Parque Nacional do Descobrimento tem sido acompanhado, numa perspectiva histórica, em enunciações de outros pataxós no espaço digital. Assim, as diversas formas de enunciação estruturadas nas experimentações midiáticas dos pataxós viabilizadas pela internet nos conduzem a reconhecer que essas apropriações são construídas por um protagonismo não individualizado, apesar de o *Facebook* trabalhar com o algoritmo de personalização de cada usuário, pois, quando se trata de questões políticas, ambientais e educacionais, cada sujeito usa sua *timeline* em nome do povo pataxó. Como exemplo, temos Aruã Pataxó (2016), que dedica sua página à veiculação das demandas do coletivo, como a revelação de violência empreendida por militares contra os indígenas que foram a Brasília barrar a sessão da CPI Funai/Incrá.

O posicionamento de Aruã Pataxó (2016) revela algumas das funções atribuídas às redes sociais digitais por esses sujeitos, dentre elas, a de mobilizações presenciais em espaços públicos em convergência com as participações políticas nas redes sociais digitais. Desse modo, as enunciações no contexto digital são pensadas pelos pataxós como possibilidades de produção e circulação de informações, especificamente das denúncias, que podem ser apreendidas como discursos de resistência, com vistas a alterar seu *modus vivendi*, pelo engendramento de suas utopias, como a da regulamentação do território indígena e do acatamento dos direitos constitucionais.

Nessas enunciações encontramos sustentações que nos ajudam a cogitar acerca de um *ethos discursivo* que se expressa no diálogo, na troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo, sinalizado por uma memória coletiva que continua sendo acionada para o desdobramento de práticas comunicativas políticas no contexto digital, movendo-se dialeticamente com outras ações políticas, por uma racionalidade que se materializa nessas e em demais táticas discursivas.

Figura 5: *Spray* de pimenta é usado contra povos tradicionais.



Fonte: Informações publicadas pelo Cacique Aruã Pataxó em sua página no Facebook (2016).

Observamos também nos usos e apropriações do *Facebook* pelos pataxós que suas participações têm sido estruturadas de forma mais fluida, móvel e conjuntiva, uma vez que não se percebe cerceamento de interlocutores “digitais” quanto ao conteúdo das mensagens que circulam. Apesar de considerarmos que nesta nova racionalidade um número seletivo de leitores apreende essas informações, não podemos negar que o compartilhamento desses enunciados por aqueles que defendem as mesmas causas possibilita que esses discursos em fluxo estejam presentes em outros processos midiáticos, como no *site* do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), e de jornais *on-line* da região. Podemos, assim, pensar na natureza das interações discursivas entre o Cimi e os pataxós, comunicantes que não são determinadas só pelo ambiente físico enquanto tal, mas pela *circularidade das informações*. Nessas *interloquções discursivas*, acreditamos que esses indígenas têm feito valer o objetivo de suas comunicações, construídas na situacionalidade de suas mobilizações políticas e das associações com os movimentos e segmentos sociais. Assim, da herança de sujeitos excluídos das mídias nacionais e regionais, hoje projetam outro tipo de realidade, não tão abrangente como as mídias hegemônicas; entretanto, vemos que os jornais *on-line* do Cimi são *ecos de vozes* pataxós, uma comunicação que se faz cidadã, circulada por ambos os contextos comunicacionais, missionário e indígena.

As redes sociais digitais, afora serem um espaço de comunicação e de integração, no contexto dos pataxós, vêm viabilizando *interdiscursividades*. Assim, enunciações em circulação que apresentam denúncias são veiculadas para além dos limites do “espaço físico”, possibilitando a promoção da descentralização das mensagens, permitindo um ativismo a distância (digital), ainda que condicionado às organizações presenciais.

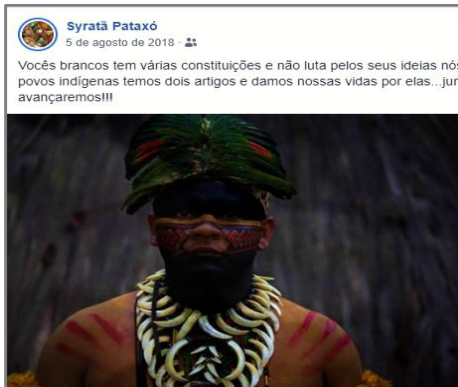
O projeto comunicacional desses pataxós no contexto digital, em discursividade com outros coletivos que também utilizam o espaço digital para suas pautas políticas, tem sido, em certa medida, promotor de desvelamento das ações arbitrárias do Estado, ao mesmo tempo que tensiona a sociedade para a adesão às lutas pela garantia de seus direitos constitucionais.

Ao revelarem as contradições políticas, sociais e econômicas nas quais estão inseridos, os pataxós, por meio de seus processos comunicacionais digitais, reivindicam a condição de cidadãos. Em diferentes esferas públicas, estruturam suas práticas culturais e políticas em *midiatizações híbridas*, com linguagens, estéticas e conteúdos para os espaços digitais e presenciais.

No contexto digital, os pataxós, ao realizarem uma comunicação com potencial de se constituir tanto em pauta reivindicatória quanto em proposição de reafirmações étnico-culturais, não elegem um leitor específico. Há implicitamente, nessa interdiscursividade, remissão a diversos leitores, incluindo os desconhecidos, especificamente quando se trata de temas recorrentes como territorialidade, violência, identidades e culturas indígenas.

Observamos, na postagem de Syratã Pataxó (2018), que as redes sociais digitais pataxós não se organizam como uma cultura avulsa, na enunciação indígena no contexto digital há ressonância de ações políticas organizadas em dimensões presenciais. Subjaz, nas organizações desses projetos e lutas, a sustentação de uma identidade étnico-cultural que resistidamente se estrutura como *força* de oposição ao Estado e ao capital, e estes organismos, por outro lado, também têm seus mecanismos de desarticulação de resistências. Assim, ainda que seja por meio de utilização e apropriação de códigos culturais da plataforma do *Facebook*, os pataxós resistem e, assim, constroem enunciações no contexto digital em linguagem multimodal, com vistas a questionar o *status quo*, conforme apreciação dos textos eleitos por Syratã Pataxó (2018).

Figura 6 – Vocês brancos tem várias constituições [...]



Fonte: Imagem publicada por Syratã Pataxó em sua página no *Facebook* (2018).

Syaratã reflete, em sua abordagem, sobre as formas como as políticas para os povos indígenas foram elaboradas no Estatuto Indígena de 1973 e referenciadas na Constituição Federal de 1988. O primeiro documento foi produzido com a participação de várias lideranças indígenas,

estabelecendo no estatuto proteção às suas culturas e territórios; já o segundo, considerado carta cidadã, elaborado por representatividades plúrais, em 1988. Na perspectiva de Syratã, mesmo que haja dois artigos na Carta de 1988, o Estado tem negligenciado questões políticas e cidadãs, como os direitos dos povos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam.

Na fotografia eleita para essa enunciação, Syratã está com o rosto pintado nas cores preta, amarela e vermelha. A cor preta, que cobre a parte inferior e superior da face, é obtida de uma mistura à base de jenipapo (*Genipa americana*) e carvão; a vermelha, de urucum; e a amarela, da argila. Os desenhos acompanham os padrões pataxós – comumente são motivos geométricos – e seu significado muda de acordo com a região do corpo que foi pintada; no caso de Syratã Pataxó, a cor preta e a vermelha no rosto simbolizam que ele é um guerreiro e está preparado para a “luta”.

Os desenhos geométricos da face indicam que Syratã tem uma esposa e que é uma das lideranças da aldeia. Essa informação é reforçada pelos adornos, colares feitos de presas de animais. À construção dessa imagem, tem-se articulada a defesa de projetos coletivos em que Syratã assume a responsabilidade dos interesses políticos da coletividade. Nesse sentido, uma comunicação construída em defesa da cidadania, que rompa com os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais e culturais para os quais os aparelhos ideológicos do Estado contribuíram historicamente.

Nessa linha de pensamento, a globalização do capitalismo vem significando historicamente, para eles, um uso abusivo *de processos de exploração, de alienação, de exclusão e de violência*, incluindo a produção de *déficits* econômicos, pois o período pós-industrial não significou que a estrutura de exploração capitalista fosse superada; os pataxós reconhecem que são dependentes dessa relação política e econômica. Buscam, assim, alternativas humanizadoras em prol da cidadania.

Esses discursos nos permitiram identificar que as redes sociais digitais são utilizadas como espaços de circulação de uma cultura contra-hegemônica indígena, respaldada em suas ações políticas, conforme observamos nos discursos de Syratã críticas ao poder instituído do Estado, diante do descumprimento de seus direitos, apesar dos registros na *Carta Magna*. Nessa abordagem, as participações dos pataxós em redes sociais digitais podem ser lidas como espaços comunicativos e interativos que potencializam suas atuações democráticas nas lutas por seus direitos,

principalmente quando são dinamizadas com as mobilizações presenciais, pois as táticas discursivas pataxós estão associadas às suas políticas públicas de acesso à informação e à comunicação, à educação e à equidade social. Assim, cada sujeito comunicante busca negociar, discutir, ressignificar, reelaborar suas participações, ao fazer usos e apropriações das mídias, criando enunciados e discursos, abarcando suas sensibilidades, subjetividades, experiências, competências e habilidades. Os usos e as apropriações das mídias não estão desvinculados da vida cotidiana, e, ao realizarem, a ela incorporam novos objetos técnicos.

4. Considerações finais

A análise das táticas enunciativas dos pataxós no contexto digital revela que elas se organizam como uma força de resistência perante a *força hegemônica* que atua via expansão da economia mercadológica que os encurrala em seus aldeamentos. Assim, eles, como sujeitos organizados politicamente e conscientes da importância de suas práticas políticas, inviabilizam as fronteiras expansionistas sobre os seus territórios, em oposição à integração forçada ao sistema econômico dominante.

No espaço digital, suas participações permitem a produção de enunciações em formato hipermídia, com maior protagonismo e autonomia desses sujeitos. Nesses processos, os pataxós da Bahia também vêm buscando, em certa medida, romper com um pensamento perverso que, por longo tempo, fez questão de manter os indígenas presos à imagem de indianidade, aquele que conservava a “pureza” de suas raízes culturais, sem a necessidade das tecnologias contemporâneas. Nessa perspectiva, os usos e as apropriações das redes digitais, em suas diversas dimensões, também são *práxis* sociais, realizam-se processualmente, por interações intra e interpessoais, em que signos verbais e não verbais se estruturam em enunciações e multimodalidades discursivas, variando conforme as tecnologias de comunicação utilizadas (celulares, televisão, rádio, ambientes de *internet*) e as competências, habilidades linguísticas e conhecimentos dos sujeitos.

Os pataxós em redes sociais podem ser pensados também como operadores de sentidos, de conhecimentos, de vínculos e de políticas, principalmente quanto aos conteúdos e às formas de organizar suas produções, ao transformarem suas páginas em *boletins informativos*, com mural de fotografias, apresentação de vídeos e documentários de contorno hipermídia. Assim, inferimos que os usos e as apropriações digitais

realizados pelos pataxós articulam-se com as demais ações em redes sociais multidimensionais, pois, como táticas e estratégias de denúncias e de resistência política, não se comportam como fenômeno linear, mas sempre moventes e adaptáveis a aspectos subjetivos, sócio-histórico-culturais no contexto da modernidade e da economia neoliberal. Permitem-nos considerar também suas enunciações como formas de interpelação mais autônoma, envolvendo socialização, participação política, ativismo, estabelecimento de vínculos sociais, pois “a tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação moldam o processo de mobilização e, consequentemente, o de mudança social, tanto como processo quanto como resultado” (CASTELLS, 2015, p. 56). Assim sujeitos organizados combinam estruturas em processo contínuo e dinâmico de compromisso político-revolucionário, conforme nos lembra Bakhtin (2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CASTELLS, M. *O poder da comunicação*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2015.

_____. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. *A sociedade em rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura)*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

HINE, C. Towards ethnography of television on the internet: A mobile strategy for exploring mundane interpretive activities. *Media Culture Society*, v. 33, n. 4, p. 567-82, 2011. Disponível em: <http://eprints.surrey.ac.uk/24874/2/Towards%20ethnography%20television%20on%20the%20Internet.pdf>. Acesso em: abr. 2015.

MARTÍN-BARBERO, J. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (Org.). *Sociedade midiaticizada*. São Paulo: Mauad, 2006.

_____. *Ofício de cartógrafo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PEREIRA, C. R. A. Ameríndia midiaticizada: algumas reflexões teóricas sobre configurações de identidades étnicas históricas e suas relações com os usos sociais das mídias. *Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 36, 2013, Manaus. *Anais* [...]. São Paulo: Intercom, 2013.

PORTO, H. T. *Processos comunicacionais, identitários e cidadãos: Pataxós em “territórios” de resistências e de utopias*. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

VERÓN, E. Mediatización, Comunicación política y mataciones de la democracia. *Semiosfera*, n. 2, p. 5-36, 1994.